

O ESTÁGIO COMO
ESPAÇO DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES





LINGUAGEM
ENSINO
FORMAÇÃO

Comitê Editorial

Ana Guedes (Unicamp)

Carla Lynn Reichmann (UFPB)

Clécio Buzen (UFPE)

Dora Riestra (Universidad Nacional de Rio Negro)

Florencia Miranda (Universidade Nacional do Rosário)

Francine Cicurel (Sorbonne Nouvelle Paris 3)

Ecaterina Bulea-Bronckart (Université de Genève)

Eulália Leurquin (UFC)

Jean-Paul Bronckart (Université de Genève)

Jean-Remi Lapaire (Université Bordeaux Montaigne)

Joaquim Dolz (Université de Genève)

Juliana Alves Assis (PUC/Minas)

Luzia Bueno (Universidade de São Francisco)

Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes (PUC/Minas)

Maria Antónia Coutinho (Universidade Nova de Lisboa)

Pierre-Yves Testenoire (Université Sorbonne)

Roxane Gagnon (Université de Genève)

Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin
Larissa Maria Ferreira da Silva Rodrigues
Ana Angélica Lima Gondim
Maria Valdênia Falcão do Nascimento
(organizadoras)

O ESTÁGIO COMO
ESPAÇO DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Estágio como espaço de formação de professores /
(organizadoras) Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin...[et
al.]. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024.
– (*Linguagem, Ensino, Formação*)

Vários autores.

Outras organizadoras: Larissa Maria Ferreira da Silva
Rodrigues, Ana Angélica Lima Gondim, Maria Valdênia
Falcão do Nascimento

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-823-4

1. Educação 2. Pedagogia 3. Professores - Estágio 4. Pro-
fessores de línguas - Formação I. Leurquin, Eulália Vera
Lúcia Fraga. II. Rodrigues, Larissa Maria Ferreira da Silva.
III. Gondim, Ana Angélica Lima. IV. Nascimento, Maria
Valdênia Falcão do. V. Série.

24-213914

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Formação : Educação 370.71

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 4

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO: RESSIGNIFICANDO PRÁTICAS DE
FORMAÇÃO DOCENTE E ESTREITANDO LAÇOS
COM A EDUCAÇÃO BÁSICA 9

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes

APRESENTAÇÃO 15

Eulália Leurquin

Parte I: O agir prescrito do estágio

Capítulo 1

A FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A E O
COMPROMISSO ÉTICO COM A HUMANIZAÇÃO:
IMPLICAÇÕES PRAXIOLÓGICAS 25

*Rosângela Pedralli, Aline Thessing,
Larissa Malu dos Santos*

Parte II: O agir representado em relatório de estágio

Capítulo 2

O GÊNERO RELATÓRIO DE ESTÁGIO COMO
INSTRUMENTO DE PROFISSIONALIZAÇÃO
E TOMADA DE CONSCIÊNCIA DO AGIR
PROFESSORAL 49

*Camila Maria Marques Peixoto,
Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin,
Laurênia Souto Sales*

Capítulo 3

A ANÁLISE DO AGIR DO ESTAGIÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCRITA DE RELATÓRIOS DE ESTÁGIO: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES 73

Angélica Gondim, Larissa Ferreira Rodrigues, Meire Celedônio da Silva

Capítulo 4

O ENSINO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA: PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL ENCARANDO EMBATES E DESAFIOS NO PERÍODO DAS REGÊNCIAS NO ESTÁGIO EM LETRAS 97

Mario Ribeiro Morais, Adair Vieira Gonçalves

Capítulo 5

O AGIR DOCENTE EM FORMAÇÃO: CENAS DE LETRAMENTOS NO CONTEXTO DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA 125

Roziane Marinho Ribeiro, Maria das Graças Oliveira, Marcia Candeia Rodrigues

Parte III: O agir do estágio realizado em sala de aula

Capítulo 6

EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA, ATITUDES E TENTATIVAS DECOLONIAIS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORAS/ES: DES(RE) APRENDIZAGENS E (RE)CONSTRUÇÕES PRAXIOLÓGICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA 151

Rosivaldo Gomes

Capítulo 7

DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO/PARA O ESPAÇO DA ESCOLA: INTERAÇÃO, AUTORIA E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE 179

Anderson Carnin

Capítulo 8

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A FORMAÇÃO INICIAL E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS 197

Juliana Bacan Zani

Parte IV: O agir do estágio em diferentes contextos
(O estágio de línguas estrangeiras, o estágio na sala de aula da educação indígena e o estágio no contexto do ensino de Libras)

Capítulo 9

A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA COMO ESPAÇO DE
FORMAÇÃO PRÉ-SERVIÇO NAS LICENCIATURAS EM
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS 213

*Maria Valdênia Falcão do Nascimento,
Lídia Amélia de Barros Cardoso*

Capítulo 10

FORMAR PROFESSORES DE FRANCÊS:
DIFICULDADES, OBSTÁCULOS, CONFLITOS E
DILEMAS EM DIÁLOGO COM OS SABERES “A” E
“PARA” ENSINAR 235

Eliane Lousada

Capítulo 11

ESTÁGIO CURRICULAR NAS LICENCIATURAS
INDÍGENAS KUABA E PITAKAJÁ: O RESGATE DA
IDENTIDADE DE UM POVO 261

Ana Célia Clementino Moura

Capítulo 12

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA DE SINAIS
BRASILEIRA-LIBRAS: UM FOCO NO ENSINO, NO
CURRÍCULO E NO OLHAR DOS DISCENTES 281

*Margarida Maria Pimentel-Souza,
Débora de Vasconcelos Souza Conrado,
Simone Patrícia Soares de Souza*

Capítulo 13

LABORATÓRIO DE LETRAMENTO ACADÊMICO E
FORMAÇÃO DO PROFESSOR: NOVAS PARCERIAS
PARA O ESTÁGIO 307

Luzia Bueno

SOBRE OS AUTORES 329

Prefácio
RESSIGNIFICANDO PRÁTICAS DE
FORMAÇÃO DOCENTE E ESTREITANDO
LAÇOS COM A EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes

Que concepções de ensino e de aprendizagem orientam as práticas investigativas sobre as ações de formação de professores para atuar na educação básica? Que sentimentos e percepções se manifestam quando se trata de refletir e discutir sobre as questões de profissionalização dos docentes? Com que desafios e perspectivas nos defrontamos quando pensamos as práticas de estágio, dimensão imprescindível do processo formativo dos profissionais da docência? Qual é o lugar do estágio nas licenciaturas? E nas Diretrizes Curriculares que regulamentam os cursos de formação inicial dos profissionais da educação?

Essas e muitas outras indagações motivam os textos que compõem este livro *O Estágio como espaço de formação docente*. Reunidos em torno de questões que interpelam e convocam os sujeitos envolvidos com as práticas de estágio nas licenciaturas (Pedagogia e Letras), pesquisadores das cinco regiões do Brasil apresentam resultados

de pesquisas desenvolvidas, em sua maioria, a partir de experiências vividas no cotidiano do processo formativo, seja no âmbito da universidade, seja no “chão” das escolas de educação básica.

Ao receber o convite para prefaciar este livro, experimentei sensações diversas, mas duas delas me envolveram com mais força: de um lado, a satisfação de poder ler, em primeira mão, os capítulos de estudiosos sérios e dedicados ao campo das linguagens; de outro, a imensa responsabilidade diante da tarefa de abrir a porta (e as janelas) para permitir a entrada dos leitores às realidades trazidas pelos trabalhos comprometidos com as práticas pedagógicas, com os gêneros formativos e, sobretudo, com as experiências vividas pelos sujeitos formadores e em formação.

O que mais me chamou a atenção, ao iniciar a leitura dos capítulos – feita, confesso, com inefável esperança e singular ansiedade –, foi o engajamento dos pesquisadores autores com os objetos em estudo. É impossível não nos deixarmos envolver com as reflexões e as propostas trazidas aos leitores, delineadas por gestos compromissados de quem é movido pela responsabilidade com a transformação nos modos de pensar e viver a formação docente, no Brasil.

Reagindo a um discurso hegemônico que se abriga sob uma visão transmissiva de ensino e de aprendizagem, de cunho marcadamente determinista e negativista da realidade educacional brasileira, os textos reunidos neste volume possibilitam revelar e refratar (Volóchinov 2017) a diversidade de posicionamentos, valores e crenças que atravessam os discursos de quem atua na esfera formativa, no lócus intervalar entre a instância universitária e as escolas de ensino fundamental e médio.

Compreender a natureza ideológica do discurso talvez seja o maior desafio para os pesquisadores do processo de formação docente, uma vez que “o signo não é

somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (Volóchinov 2017, p. 93). Ao tomar os discursos – de professores formadores e licenciandos em formação, na universidade, e de professores, coordenadores, supervisores e alunos, nas escolas – assume-se a linguagem como central no exame do que é imanente e/ou transcendente no processo do desenvolvimento dos profissionais que irão atuar nas instituições de educação básica.

Como convém a investigações integradas ao quadro da Linguística Aplicada e dos Estudos da Linguagem, nesta obra, os estudos tratam de objetos complexos, envolvendo sujeitos em circunstâncias as mais diversas, seja no âmbito da produção investigativa na esfera formativa, seja no que concerne ao próprio fazer profissional. Alguns desses trabalhos, inspirados por abordagens de linha interacionista e sociodiscursiva, estabelecem o diálogo interdisciplinar que deve ocorrer quando se analisa o que é próprio da atividade humana mediada pela linguagem. Assim, em movimentos convergentes e complementares, é possível acompanhar análises orientadas pelos Estudos do Letramento, sob a ótica dos Estudos Culturais em que letramento é concebido como prática social, marcada pela historicidade. Há também contribuições de correntes teóricas e metodológicas que tratam da formação e da atuação dos docentes, ancoradas nas Ciências do Trabalho e na Clínica da Atividade. Para compreender os desafios presentes na elaboração de propostas didáticas envolvendo gêneros discursivos diversos, alguns autores se apoiam em pesquisas alinhadas à Sociolinguística e à Etnografia, de modo a propor uma formação profissional humanista, fundamentada em atitudes de respeito e valorização da pluralidade étnica e cultural das comunidades implicadas,

como no caso dos docentes das comunidades indígenas Kuaba e Pitakajá focalizados em um dos capítulos.

Do ponto de vista metodológico, constata-se uma multiplicidade de procedimentos própria de investigações que, apoiando-se em paradigma qualitativo e interpretativista, se voltam para analisar os discursos, no campo das ciências humanas. Em alguns capítulos, observam-se expedientes metodológicos de geração e análise de dados de concepção interacional e discursiva, com o objetivo de dar a voz aos sujeitos, com vistas a ampliar e aprofundar as reflexões propostas. Sob tal perspectiva, ao lado de pesquisas de cunho documental (marcos legais normatizadores, projetos pedagógicos de cursos de licenciatura, materiais didáticos, livros produzidos pelos graduandos), os leitores também conhecerão estudos de natureza empírica, com base em dados coletados no campo educacional, especialmente, em situações de interação, materializados em gêneros orais e escritos próprios do contexto de formação: projetos didáticos de regência, questionários, entrevistas simples e de autoconfrontação, discussões coletivizadas em protocolos verbais, relatórios, narrativas de experiências e de observações da interação em sala de aula, trabalhos de escrita acadêmica, materiais elaborados a partir de oficinas, entre outros.

Quando se analisam as condições de trabalho dos profissionais da docência e o contexto da formação do professor para atuar na educação básica, parece inevitável não projetar as relações entre teoria e prática, isto é, entre os conhecimentos científicos e acadêmicos e os conhecimentos de natureza didática e metodológica. As condições enunciativas possibilitadas pelos pesquisadores aos sujeitos participantes propiciaram interlocuções que permitiram flagrar o que se mostra (ou não se mostra) dessa conexão entre os saberes a ensinar e os saberes para ensinar.

Na trilha do que aponta nosso mestre Paulo Freire acerca do processo de desenvolvimento de educadores

críticos e engajados ao próprio fazer, é preciso refletir sobre a visão dicotômica que insiste em apartar os conhecimentos que, efetivamente, constituem o profissional docente.

(...) se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. (Freire 1978, p. 145)

O enfrentamento da complexidade das situações de ensino e da percepção conflituosa entre o saber e o fazer constituem desafios a serem pensados pelos sujeitos agentes, nas instâncias de formação, na universidade e na educação básica. Trazidos pela memória das vivências dos sujeitos participantes das pesquisas em tela, os obstáculos e as dificuldades funcionam como molas propulsoras para projetar ações coletivas e integradas com a realidade das escolas. Nessa dinâmica de práticas e reflexões articuladas, alguns trabalhos destacam programas que fortalecem a formação inicial dos professores, como por exemplo, o *Residência Pedagógica*, projeto que, sob uma ótica reflexiva e crítica, tem criado oportunidades de ação conjunta e de reconfiguração do agir docente, a partir da conexão de saberes de ordem didática e teórica.

Ao final da leitura dos textos desse coletivo de 25 professores pesquisadores, é impossível não esperar, no sentido freiriano do termo, na projeção de novos cenários para o exercício de novas práticas de formação docente construídas no diálogo e na partilha. Saímos dessa experiência leitora totalmente implicados pela urgência de sermos seres de práxis, capazes de abrir e ampliar caminhos emancipatórios que levem à problematização e à

ressignificação de ações promotoras do desenvolvimento de pessoas. Esse resgate de uma formação humanizadora e transformadora só será possível na responsividade e na responsabilidade diante do(s) outro(s).

No encerramento deste prefácio, tomo emprestadas as palavras de Peixoto, Leurquin e Sales, no capítulo que assinam nesta coletânea, para salientar a importância do estágio como “um espaço privilegiado de trocas e diálogos de vivências e saberes, o que demanda um olhar sempre acurado e aprofundado de suas condições e possibilidades no percurso formativo dos futuros docentes.”

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

APRESENTAÇÃO

Eulália Leurquin

O estágio docente, dentro do Curso de Letras, parece ser o patinho feio. Pouco se fala sobre ele, pouco se investe nele, mesmo sabendo que o maior objetivo do Curso de Letra/licenciatura é formar professores para atuar na sala de aula de línguas. Mas, esse objetivo não parece estar muito evidente nem para alguns professores nem para os estudantes. Observamos isso de forma muito clara em conversas espontâneas. Porém, para mim, a situação aparece muito mais visível nos dados da minha pesquisa em desenvolvimento no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq.¹ Eles foram gerados através de observações e gravações do agir do estagiário e do professor experiente, em questionários aplicados, em entrevistas realizadas, em situação de autoconfrontação, instrução ao sócia e entrevista de explicitação.

Um questionário aplicado em 2023. com estudantes das disciplinas *Estágio em ensino de leitura e Estágio de*

1. Agradeço ao CNPq pelo investimento feito no projeto em desenvolvimento.

regência, na Universidade Federal do Ceará, por exemplo, apontou para algumas questões que carecem de ser refletidas. Aqui elencamos algumas: as disciplinas de estágio são pouco valorizadas. Elas acontecem no final do Curso de Letras e isso contribui negativamente, por vários motivos; um deles é o fato de os estudantes não terem tempo de realizar o estágio, pois alegam já estarem trabalhando; há estudantes que acham que não precisam fazer o estágio, porque já sabem dar aula; há outros que não possuem experiência docente, estes afirmam que se sentem inseguro, pois o curso investe em disciplinas teóricas, deixando de lado a prática docente; há estudantes que alegam ter insegurança, quanto ao seu papel na sala de aula da escola (às vezes, um estagiário, outras vezes, um estudante, ou um professor em formação). Essa insegurança apresenta vários desdobramentos, porque é exigida do estudante uma definição sobre o que cada papel desse significa para ele, seus desafios e obstáculos enfrentados. Para além de tudo isso, ainda há alguns professores que dizem que a preocupação com a sala de aula deve ser do curso de Pedagogia e não do curso de Letras; etc.

Portanto, foi com o propósito de pautar uma discussão sobre a formação inicial de professores de línguas, na perspectiva da Linguística Aplicada, que o Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (GEPLA/CNPq) realizou o seu VIII Fórum internacional de Linguística Aplicada ao Ensino e aprendizagem de Línguas (VIII FLAEL), nos dias 22, 23 e 24 de novembro de 2023.

O evento aconteceu de forma híbrida, e a parte presencial aconteceu na Universidade Federal do Ceará, sobre o tema *O estágio como espaço de formação de professores: saberes em inter-Ação*. Durante o VIII FLAEL, homenageamos a linguista aplicada Penha Casado, sobretudo pelo trabalho que ela desenvolve à frente do maior programa de formação continuada de professores no Brasil, o Mestrado Profissional em Letras. O ProfLetras possui polos

em todas as regiões, mas a sede nacional está situada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a sua coordenação.

Este livro reúne contribuições de pesquisadores de todas as regiões do Brasil que participaram de mesas-redondas, espaço de maior discussão sobre o tema, durante o evento. Isso nos possibilitou ter dados para a construção de um panorama nacional do estágio docente, ainda que discreto. A obra traz um prefácio assinado pela professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Maria Angela Paulino Teixeira Lopes. O texto está dividido nas seguintes seções: O agir prescrito do estágio, onde são discutidos os documentos que orientam o estágio; O agir representado em relatório de estágio; o agir do estágio realizado em sala de aula, sessão que discute as práticas da sala de aula de língua portuguesa, na Educação Básica; e O agir do estágio em diferentes contextos, onde são discutidos o Estágio de Libras, o Estágio na Educação indígena e o Estágio de línguas estrangeiras.

Para discutir O agir prescrito do estágio, no Capítulo 1, temos as contribuições de Rosângela Pedralli, Aline Francieli Thessing e Larissa Malu dos Santos. Elas tratam da formação de professores e do compromisso ético com a humanização, ressaltando implicações praxiológicas, ancoradas em documentos oficiais que apontam para um agir na formação inicial. As autoras discutem bases que fundamentam os estágios obrigatórios e os não-obrigatórios, no curso de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina, na perspectiva teórico-metodológica crítica, de fundamentação materialista histórica e dialética. Refletem sobre contradições que envolvem a permanência do/a acadêmico/a na graduação e a manutenção do alinhamento pedagógico definido em Projeto Pedagógico do Curso de Letras.

Na sequência, na parte II, há quatro capítulos que tratarão do agir representado pelos professores em for-

mação inicial, prefigurado no relatório de estágio. O Capítulo 2 tem as contribuições de Camila Maria Marques Peixoto, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin e Laurênia Souto Sales. As autoras partem do princípio de que o Estágio Supervisionado nas licenciaturas é um espaço privilegiado de profissionalização e inserção do futuro professor no universo escolar, a partir da adoção e adaptação de gestos coletivamente construídas pelos docentes na construção de um agir professoral (Cicurel 2010). Apresentam o relatório como um gênero textual da esfera do trabalho professoral (Leurquin 2008). Elas contemplam o papel da linguagem no trabalho, sobre o trabalho e como trabalho (Lacoste 1998; Nouroudine 2002) e o processo de semiotização do agir professoral (Bronckart 1999, 2006, 2008, 2024).

O capítulo 3, de Angélica Gondim, Larissa Ferreira Rodrigues e Meire Celedônio da Silva, apresenta o relatório de estágio como um gênero textual da esfera do trabalho do professor que contribui para um letramento professoral necessário, conforme defende Leurquin (2008). Para as análises dos dados, as autoras ancoram-se em Bronckart (1999, 2019), quanto à coerência pragmática, e em Leurquin (2014) para compreender as relações entre intenções e impedimentos modalizados no discurso do estagiário. O foco do artigo é o trabalho realizado, conforme Clot (1999, 2001), em três universidades públicas.

No capítulo 4, Mario Ribeiro Morais e Adair Vieira Gonçalves analisam as concepções de ensino de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa em relatórios de estágio supervisionado em língua portuguesa e literatura II, do curso de Letras da Universidade Federal de Tocantins, campus de Porto Nacional, produzidos por acadêmicos no 2º semestre de 2023. A partir da recorrência de dados nos relatórios sobre o ensino das práticas de linguagem, obtiveram registros/temáticas que geraram as categorias de análise: Reincidência do ensino tradicio-

nal de gramática; Ensino da Gramática Contextualizada; Ensino fragmentado das práticas de linguagem; Ensino integrado das práticas de linguagem.

O capítulo 5, escrito por Roziane Marinho Ribeiro, Maria das Graças e Marcia Candeia, discute a formação e a constituição de saberes do professor em formação inicial. Focaliza a construção da identidade profissional (Hall 2014) e o seu reconhecimento, enquanto agente da docência. Elas defendem que o estudante, na formação inicial, precisa ressignificar conceitos, teorias e práticas, compreendendo o seu papel, o lugar de atuação e o seu agir professoral. Analisam relatórios produzidos por licenciandos de Pedagogia, a partir dos contributos de teorias da Educação, da Sociologia, dos Estudos Linguísticos na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 2008; Bulea, Leurquin e Carneiro 2013).

O bloco seguinte dos capítulos traz a discussão sobre o estágio para o seio da sala de aula. No capítulo 6, Rosivaldo Gomes apresenta e discute questões sobre a educação linguística e o ensino de língua portuguesa por professoras/es em formação inicial de uma universidade pública. Alinha-se aos aportes teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 2006, 2008; Coutinho 2021; Machado e Bronckart 2009; Leurquin e Dodó 2020), para problematizar representações do agir professoral (Cicurel 2020; Leurquin 2013; Gomes e Leurquin 2021) e a mobilização de saberes, esforços (Silvestre 2016; Borelli 2018; Pessoa 2018; Silvestre 2017) e tentativas de práticas decoloniais (Gomes 2022) que esses atores fazem em situações/cenas de ensino durante o estágio supervisionado.

No capítulo 7, Anderson Carnin discute a formação (inicial e continuada) de professores/as de Língua Portuguesa e a necessidade de se tensionar o suposto binarismo entre teoria e prática, enfatizando a importância da interação (Bakhtin 2004; Vigostski 2007), da autoria

(Costa e Schlatter 2017, 2019) e do desenvolvimento profissional docente (Carnin e Guimarães 2016; Guimarães e Carnin 2020) como construtos pertinentes à promoção de uma educação linguística mais qualificada e sintonizada com as demandas atuais. O capítulo explicita, também, o contributo que o espaço escolar pode dar à formação docente na contemporaneidade, especialmente a partir de uma visada de atuação orientada por princípios etnográficos de pesquisa em Linguística Aplicada (Garcez e Schlatter 2017). Segundo o autor, a valorização do trabalho docente, das práticas colaborativas entre pares e o debate público são considerados essenciais para uma formação alinhada às demandas contemporâneas, seja no Estágio Supervisionado, seja na formação em serviço.

O capítulo 8, assinado por Juliana Zani, tem o objetivo de apresentar resultados parciais de um estudo sobre contribuições do Programa de Residência Pedagógica no processo de formação inicial de estudantes do curso de Pedagogia de uma universidade particular. A autora compartilha experiências e vivências durante a participação dos residentes no programa de formação docente. Mostra como os estudantes e seus preceptores utilizaram um mural interativo (Padlet) para registrar suas reflexões sobre as atividades práticas realizadas. Aponta para os resultados dessa atividade, ressaltando a articulação entre a teoria e a prática docente, além de possibilitar um maior vínculo do futuro profissional com o ambiente escolar.

A obra encaminha para o seu fechamento, trazendo o estágio em três diferentes contextos (o Estágio de língua estrangeira, o Estágio na licenciatura intercultural indígena e o Estágio de Libras). De autoria de Maria Valdênia Falcão do Nascimento e Lídia Amélia de Barros Cardoso, o capítulo 9 discute o Estágio de língua espanhola e de língua inglesa, através do Programa Residência Pedagógica, como espaço de formação pré-serviço. Isso acontece fundamentadas na visão crítica de formação

(Alarcão 2004), nas noções do agir professoral (Leurquin 2013) e no cenário da formação de professores, considerando as políticas públicas implementadas pelo governo Federal (BNCC 2019), com vistas à melhoria da formação de professores no contexto do ensino superior. Os resultados e implicações buscam discutir as práticas pedagógicas, os saberes necessários e formas concretas de ação a partir da compreensão de educação proposta por Morin (2011).

O capítulo 10 discute o Estágio de língua francesa, com Eliane Lousada, a partir de resultados de um curso desenvolvido, como proposta para o estágio. Defende que os professores devem mobilizar os saberes sobre a língua que ensinam e os saberes sobre como ensinar essa língua (Hofstetter e Schneuwly 2009), para que tenham a sensação de “um trabalho bem feito” (Clot 2021). A autora reflete sobre o papel desses saberes no trabalho dos professores a partir de noções como dificuldade, obstáculo, conflito e dilema, com base na orientação epistemológica geral do Interacionismo Social (Vygotski 1997), em pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 2006, 2008, 2022), da Clínica da Atividade (Clot 1999, 2001, 2008) e da Ergonomia da Atividade (Faïta 2004; Saujat 2004).

Na sequência, no capítulo 11, Ana Célia Clementino Moura apresenta resultados dos estágios curriculares de dois cursos de licenciatura intercultural indígena –Kuaba e Pitakajá – oferecidos pela Universidade Federal do Ceará. Ela apresenta como referência documentos oficiais e elegeu como foco a abordagem de conteúdos interdisciplinares. Os dados foram gerados em um questionário on-line aplicado a 90 estudantes, em diferentes turmas de estágio supervisionado, com o objetivo de avaliar o desenvolvimento do estágio, propor oficinas. O material produzido ficou disponibilizado para novas turmas das licenciaturas interculturais indígenas, podendo tam-

bém ser uma fonte de pesquisa para outros professores que não tiveram a mesma oportunidade.

Sobre o estágio de Língua de Sinais Brasileira (Libras), no capítulo 12, Margarida Maria Pimentel-Souza, Débora de Vasconcelos Souza Conrado e Simone Patrícia Soares de Souza tratam do estágio no contexto da formação de professores para atuar no ensino de, em Fortaleza-CE e Natal-RN. As autoras apresentam reflexões pertinentes sobre experiências vividas, documentos orientadores para o ensino de Libras, e “Didática Surda”. Os dados representam resultados de pesquisas realizadas. Elas concluem que os estágios podem/devem propiciar vivências diferenciadas no contexto escolar, que passam pelo ensino, pelo planejamento, pela avaliação e aplicabilidade da língua.

O livro termina com o capítulo 13 de autoria de Luzia Bueno. Ela discute o papel dos laboratórios de letramento acadêmico na formação inicial de professores. As reflexões teóricas estão alinhadas à perspectiva histórico-cultural e assume-se o letramento enquanto prática social (Kleiman 1995, 2006, 2007, 2016; Street 1984, 2014; Lea e Street 1998, 2014). Articula o Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999, 2006, 2008, 2019) com discussões das Ciências do Trabalho (Ergonomia da Atividade e Clínica da Atividade), conforme Clot (2006, 2010), Clot et al. (2021) e Saujat (2004), Bueno para as análises dos seus dados.

Desejo que os leitores possam interagir de forma satisfatória com os autores.